

Manchete 384 (Lembrança da Capitania de S. Vicente)
EM 10.2.51
DN 27.8.69

RN 320

Rubem Braga 27/8/69

Pescadores de Sossêgo

Haviam-me prometido pescadas soberbas e robalos deste tamanho, sem exagero; e até espadartes. Passamos o dia inteiro no barco e tudo o que matamos foi uma dúzia de humildes canguás. Eles visivelmente se esforçaram para se prenderem a nossos anzóis inenxos; assim salvaram a honra desses rios e mangues entre São Vicente e Santos. Em memória do que, um historiador presente declarou que o antigo nome de São Vicente era Canguás. Moradores locais negavam, furiosos, mas ele insistia na invenção com sua autoridade de traça de Ms: "Até meados do século XVI ainda se escrevia — São Vicente, antiga Canguás — em todos os documentos. E sabe por que esse nome? Porque se viu que nessas águas só existia uma raça de peixe, o canguá."

Fôsse como fôsse, havia senhoras nos esperando na casa da Praia Grande. Como chegar da pescaria, nos todos, homens grandes e barbudos, com tanto apetrecho e só com aqueles canguazinhos inocentes? Compramos algumas pescadas e chegamos em casa de cabeça erguida.

E' bela, esta São Vicente, com praias mansas e praias bravas, com mangues e mar aberto. Se não caçamos mais peixe foi porque na maré de lua nova as águas sobem e descem com fúria demais. Mas caçamos o principal, esse silêncio e essa brisa dos mangues entardecendo, essa garrafa de cachaça passando de mão em mão. Somos pescadores de sossêgo e de amizade; pescamos a melancolia ativa da ponte pênsil, mas também a tristeza negra, humilde e longa dessa ponte baixa por onde passa o trenzinho que vai para o litoral-sul.

O japonês encosta o barco na margem. Comemos sobre velhas canoas, e o silêncio é bom nessa indolência de beira-rio. A vida é vaga, mansa...

Mas olho o chão. E vejo toda uma horda de siris minúsculos, cada um erguendo no ar uma puá un'ra, mas do tamanho de seu corpo. Com essa patola gigantesca para seu talhe, esse caranguejinho parece um pequeno povo que gasta em armamento toda a sua receita. Ao longo da margem a terra é toda crivada de buracos onde eles se escondem quando a gente — esse monstro, o homem — avança. A gente se afasta, eles saem dos "fox-holes" e enxameiam outra vez, puás no ar, nessa vida de guerra e fome.

Junto a um tronco vejo passar uma formiguinha vermelha. Carrega com esforço uma folha grande; caminha penosa, mas implacavelmente. Isto é a vida, essa teimosia obscura e feroz de cada dia. Um instinto sem finalidade além da vida mesma — a vida que se defende para se repetir em mais uma geração de siris, de formiguinhas ruivas e de homens, tropeçando nos mesmos enganos, avançando com a mesma sinistra obstinação... para quê?

O melhor é tomar mais uma cachaça, fumar um cigarro e dormir um pouco no bôjo da velha canoa. Dormir de corpo largado, dormir bem sóito, como se fôsse para todo o sempre.

DN 27.8.69

259